

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA: AS VIVÊNCIAS, DESAFIOS E POSSIBILIDADES DO GRADUANDO NA PRÁTICA DOCENTE

**SUPERVISED INTERNSHIP IN HISTORY: THE LIVING, CHALLENGES AND
POSSIBILITIES OF THE GRADUATING STUDENT IN THE TEACHING PRACTICE**

Ruhama Ariella Sabião Batista¹

RESUMO: Para além de outros projetos no âmbito acadêmico que articulam a universidade e a escola, o Estágio Supervisionado é um dos momentos mais importantes para o graduando refletir sobre a profissão docente e os diversos desafios e possibilidades intrínsecos a mesma. O presente artigo buscou relatar os diferentes momentos do estágio no curso de licenciatura em História da Universidade Estadual do Norte do Paraná, primeiramente no Ensino Fundamental II e posteriormente no Ensino Médio, atentando-se para a prática do estagiário, e em como suas observações, análises e descrições podem ser redimensionadas para a ação educativa. Além disso, o relato das experiências teve como objetivo pensar o ensino de história e suas possibilidades dentro do estágio. Para isso, foi necessário descrever os momentos de observação do cotidiano escolar, as intervenções realizadas, e quais foram os resultados das ações do estagiário em sala de aula, fazendo isso através de relatos dos alunos e da autorreflexão sobre atividades das quais o graduando envolveu-se. O trabalho resultou em uma síntese das convergências e dissonâncias entre as diferentes instituições e turmas, das dificuldades apresentadas no ambiente escolar pelos alunos, e principalmente dos resultados das intervenções realizadas pelo estagiário, as quais contribuíram para uma reflexão final acerca do trabalho docente e das possibilidades e desafios para o ensino de história e a formação de professores.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino de História. Formação de professores.

ABSTRACT: In addition to other projects in the academic field that articulates the university and the school, the supervised internship is one of the most important moment to the graduating student to reflect on the teaching profession and the several challenges and possibilities intrinsic to it. The present article sought to report the different moments of the traineeship in the undergraduate course in History of the Universidade Estadual do Norte do Paraná, firstly in Ensino Fundamental II and later in Ensino Médio, paying attention to the trainee's practice, analyzes and descriptions can be resized for educational action. In addition, the report of the experiences had as objective to think the history's teaching and its possibilities within the internship. For this, it was necessary to describe the moments of observation of the school routine, the interventions performed, and what were the results of the actions of the trainee in the classroom, doing this through reports of the students and of the self-reflection on activities of which the graduating student got involved. The work resulted in a

¹ Mestranda em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

synthesis of the convergences and dissonances between the different institutions and classes, the difficulties presented in the school environment by the students, and especially the results of the interventions carried out by the trainee, which contributed to a final reflection on the teaching work and possibilities and challenges for the teaching of history and teacher training.

Keywords: Supervised Internship. History teaching. Teacher training.

1. O Estágio Supervisionado

Ao contrário do que a maioria dos graduandos pensa ao se depararem com o Estágio Supervisionado, esse não é somente o momento da prática em um curso de licenciatura. Nessa etapa os futuros professores podem observar, analisar, assim como teorizar o que se observa, pensando a Educação e a História como um todo. O Estágio associado à disciplina de Prática de Ensino², é uma experiência de trocas e de construção do conhecimento de todos os envolvidos, coordenadores e orientadores de estágio, professores supervisores das escolas, alunos da educação básica e estagiários.

Segundo Flávia Caimi (2008, p.91) “o estágio implica uma leitura crítica, fundamentada num método e num instrumental que envolvem saber observar, descrever, registrar, interpretar, problematizar, teorizar e redimensionar a ação educativa”. Dessa forma, o estágio não tem um fim em si mesmo, não se isola das outras disciplinas, mas, sim, possibilita com que o graduando observe, participe e, além disso, reveja as suas práticas a partir das observações.

Uma das possibilidades mais enriquecedoras do estágio é o momento em que se pode ficar em silêncio e analisar o ambiente, não como um julgador, apontando os erros, defeitos ou o que si próprio poderia fazer melhor. Mas, sim, olhando para alunos e professores, e pensando em qual é o papel do professor de História no ambiente escolar. Nessa situação, pode-se pensar na forma como os alunos aprendem, nos problemas que estão presentes na sociedade e que, na sala de aula, são representadas pelos alunos, e de que forma o graduando/estagiário pode influenciar tornando-se um ser humano atuante dentro do espaço escolar.

² Na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), a disciplina de Prática de Ensino tem como responsabilidade organizar o Estágio Supervisionado.

Nas reflexões dentro da sala de aula, tanto na escola, como na universidade, pode-se pensar em situações desafiadoras nas quais diferentes temas e metodologias de ensino podem ser aplicados. A partir disso, o graduando tem a possibilidade de estudar de que forma isso contribui para o próprio aprendizado e redirecionar as teorias e metodologias, ao atentar-se para as necessidades dos alunos da rede básica e em como o conhecimento histórico pode ser compartilhado com eles.

Entretanto, ao imaginar uma aula com recursos didáticos que não são de uso rotineiro do professor em sala, deve-se ter o cuidado em não reproduzir o conteúdo tradicionalmente. Muitas vezes esse conteúdo é travestido com recursos didáticos, mas “sem estabelecer as necessárias relações entre o conhecimento do aluno e o escolar.” (BITTENCOURT, 2009, p.230).

Sendo assim, o Estágio, aliado à disciplina de Prática de Ensino e às outras da área pedagógica possibilitam pensar a Educação de forma ampla, articulando com as outras disciplinas da matriz curricular e envolvendo a comunidade escolar na experiência acadêmica. É essencial, ao graduando, que a vivência do estágio seja proveitosa, ainda que existam projetos de ensino, extensão e outros vividos no ambiente escolar, o acompanhamento do cotidiano da escola contribui, de forma intrínseca, para a formação acadêmica e profissional.

2. A prática no Estágio Supervisionado

O estágio curricular na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) possibilita aos alunos realizarem as observações e atividades de estágio na cidade em que residem³, sendo assim, pode-se ter uma visão amplificada da Educação na microrregião. Totaliza-se 400 horas, divididas em 200 horas, no terceiro ano, e outras 200 horas, no quarto. A carga horária corresponde a 140 horas das atividades realizadas em sala de aula e 60 horas de atividades com o orientador de estágio, na universidade e extraclasse. Dessa forma, as regências

³ Essa situação ocorre pelo grande número de alunos que residem nos municípios vizinhos a Jacarezinho – PR, na qual está o Centro de Ciências Humanas e da Educação, em que está inserido o curso de História. Grande parte dos alunos é da região chamada “Norte Pioneiro” do Paraná, e das cidades interioranas do Sul do estado de São Paulo.

são aplicadas uma vez a cada semestre, ficando a critério do professor orientador⁴ o agendamento das aulas e a avaliação das intervenções. É necessária a apresentação do conteúdo, ao orientador e professor de estágio, antes da atuação em sala de aula.

Desse modo, as experiências relatadas foram realizadas no município de Santo Antônio da Platina – PR. As instituições em que se cumpriu o estágio foram: Escola Estadual Santa Terezinha⁵ – no Ensino Fundamental II, em 2015; Colégio Estadual Tiradentes e Colégio Tia Ana Maria⁶ – no Ensino Médio, em 2016. Foi proveitoso perceber as convergências e dissonâncias entre as instituições, os professores e os alunos, principalmente por serem instituições com direção, propostas pedagógicas e público-alvo diferentes.

Ao longo do ano de 2015, na Escola Santa Terezinha, as observações foram realizadas nas turmas de 7º e 8º ano, totalizando cinco turmas. Os espaços de aula eram muito bem estruturados, possuindo mapas didáticos, cortinas, carteiras em ótimo estado, visto que a APMF (Associação de Pais, Mestres e Funcionários) funciona como forma alternativa para manter o colégio. A grande maioria dos alunos tinha entre 12 a 15 anos, e as salas eram compostas por 40 alunos, o que se torna uma justificativa plausível para a agitação das turmas. As salas eram muito semelhantes em ritmo de aula, atenção e participação, porém, visto que a turma do “8º ano A” era mais participativa, a regência do primeiro semestre foi nela realizada.

A turma do “8º A” era mais interativa nas explicações da professora, porém ociosos quanto à realização das atividades, portanto, sempre solicitavam a ajuda da docente. Nos momentos em que os alunos pediam auxílio, a professora dava total liberdade para que a estagiária participasse junto deles e ensinasse com ela.

Sendo o Fundamental II o primeiro momento do estágio, os temas escolhidos, para a primeira e, posteriormente, segunda regência, foram indicados pela professora, sem que houvesse intervenção de escolha da

⁴ O professor-orientador é o docente responsável pela disciplina de Prática de Ensino, que monitora as atividades, orienta e avalia.

⁵ Os colégios serão tratados ao longo do texto como: Santa Terezinha, Tiradentes e CTAM.

⁶ No Colégio Estadual Tiradentes não tem a turma do terceiro ano do Ensino Médio no período matutino, por motivos que serão relatados ao longo do texto, existe somente no período noturno, por isso o estágio foi complementado no Colégio Tia Ana Maria.

estagiária, seguindo o cronograma anual da disciplina. A primeira regência teve como tema "A vinda da Família Real para o Brasil" e a bibliografia escolhida, seguindo referenciais teóricos sobre o tema, foi o livro, e série em quadrinhos, *Dom João no Brasil* da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Scwarcz (2008). Tentou-se pensar a aula baseada no conhecimento prévio dos alunos, considerando o que eles já sabiam ou imaginavam sobre o tema, pois se acredita que "é imprescindível usar uma linguagem acessível à sua maneira de pensar, ao seu vocabulário e sistema lógico, ao seu desenvolvimento intelectual e à sua experiência" (SCHMIDT, 1999, p.150). Assim, é possível que a avaliação dos conhecimentos prévios seja realizada de forma com que seja retomada a reflexão sobre o significado do "erro", possibilitando maior significação sobre o trabalho do aluno e sobre o trabalho docente (BITTENCOURT, 2009). No caso das regências que serão apresentadas, foram realizadas perguntas orais e por escrito, sendo que nas respostas escritas, os alunos conseguiram se expressar melhor, o que foi significativo para o trabalho de preparação anterior e avaliação posterior. O aspecto negativo de realizar esse levantamento, oralmente, é que não se consegue obter respostas de todos os alunos, visto que nem todos se prontificam a falar. As respostas escritas dos alunos possibilitaram entendimento maior do que pensavam e de alguns conhecimentos prévios sobre o tema.

Na primeira regência aplicada, a questão central para os alunos foi "*Como era o Brasil antes da Independência?*", e algumas das respostas principais foram "*Não havia tecnologia e o Brasil era governado por Portugal*" [sic.], "*Era uma ilha que havia índios*" [sic.], "*Era pobre, não tinha indústrias, eram índios, eles eram livres*" [sic.], "*Com os rios limpos e sem corrupção*" [sic.], "*Eram colônias, com tribos indígenas, o comércio era básico, "improvisado" (eu acho)*" [sic.]. Nota-se, a partir dessas e de outras respostas, que existe a carência de conceitos básicos para o entendimento da História, como a falta de domínio do conceito de tempo e a noção de espaço, presentes nas respostas dos alunos. Não há, aqui, a intenção de realizar julgamentos ou opiniões não fundamentadas de como foram as aulas de História e a formação desses alunos, mas pode-se perceber que essas noções advém de um método decorativo⁷, baseado somente na economia

⁷ Posteriormente, nas conclusões deste texto está uma análise geral das práticas de ensino de história observadas no Fundamental II. Mas para justificar o uso do termo "método decorativo"

e política, o que não permite com que os fatos sejam relacionados, as noções de localização geográfica sejam exploradas, e nem sejam percebidas as mudanças e permanências entre as divisões formais da História do Brasil.

A aula foi toda pensada para que os alunos conseguissem perceber as mudanças que o fato carregou e a relação entre tempo, espaço e poder. Os resultados obtidos não foram tão satisfatórios como o esperado, mas essenciais para o entendimento de que a aprendizagem ocorre de forma progressiva e que duas aulas são insuficientes para alcançar objetivos mais concretos. Como fontes foram utilizadas algumas imagens dos quadros do pintor Debret (Retrato de D. João VI, 1817, Óleo sobre tela, Museu de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro), analisando junto dos alunos as pinturas, a intencionalidade e os reflexos da época que elas carregam. Os alunos não participaram muito com questões, mas observaram, atentamente, e respondiam quando alguma pergunta lhes era direcionada. Uma das respostas posteriores à aula chamou atenção:

Antes da Independência o Brasil não tinha a liberdade de comércio com outros países, pois o interesse de Portugal era obter lucro comercializando os recursos do Brasil havia muita escravidão que com a chegada da Coroa Portuguesa não foi abolida. Com a chegada da Coroa Portuguesa, foram implantadas faculdade de medicina, entre outros ofícios, pessoas foram expulsas de suas casas pela Coroa Portuguesa para se tornar sua moradia, fizeram também um embelezamento na cidade do Rio de Janeiro, entre muitas outras coisas. [sic.]

Mas ainda que a resposta tenha carregado elementos que eram objetivos da aula, as outras demonstraram que os alunos não se esforçaram para responder, por não terem entendido ou por serem displicentes quanto às avaliações que não “valem nota”.

Posterior à regência do primeiro semestre, a intenção era que a aula do segundo semestre complementasse a primeira, porém foi aplicada aos alunos do “8º B” que ainda não tinham visto nada sobre “A vinda da Família Real para o Brasil”. Por isso, a metodologia usada foi a mesma da primeira regência, com a diferença da proposta de análise de uma reprodução do quadro “Independência

neste momento do texto, é porque essa observação é fruto das análises das aulas e atividades realizadas pela professora, que acompanhou a turma desde o 6º ano, por isso, a visão dos alunos está diretamente ligada com as práticas dela ao longo dos anos.

ou Morte” de Pedro Américo Figueiredo (1888, Óleo sobre tela, Museu Paulista da USP, São Paulo). O objetivo era fazer os alunos perceberem os propósitos que cada pintura carregava e como a História é aprendida a partir de diferentes interpretações, porém, segundo alguns alunos disseram, havia sido a primeira vez que analisavam pinturas e, para eles, eram quadros históricos como quaisquer outros.

Os alunos do “8ºB” não participaram muito das aulas durante a explanação, porém depois da exposição muitos fizeram perguntas, se lembraram de fatos que já haviam estudado e fixaram-se na desigualdade social presente na época. Foi interessante pensar em como os alunos perceberam o reflexo daquele tempo em sua realidade, sendo que a pergunta base para a aula foi “O Brasil é um país independente?”, então apontaram, mais ao final do encontro, motivos pelos quais achavam que o Brasil não era totalmente dependente. As informações que carregavam eram de fontes midiáticas, da internet e do que os próprios pais comentavam em suas residências.

Ao final, o estágio no Ensino Fundamental II foi de extrema importância para que no outro ano pudessem ser feitas observações mais concretas, refletir sobre formas de levar o aluno a pensar o mundo à sua volta e a trazê-lo para perto da História. Por isso, o objetivo maior do estágio, no ano de 2016, foi de mostrar aos alunos que eles fazem parte da História e como podem entender, a si próprios e o mundo ao redor, a partir dela. Para isso, o esforço em se colocar no lugar dos alunos, ouvir suas falas, conversas e o que pensam ser a disciplina, foi substancial para considerar os caminhos possíveis do alcance desses objetivos.

No ano de 2016, a experiência foi enriquecedora no sentido de o trabalho se desenvolver em uma instituição pública e uma privada. Nesse ano o estágio foi realizado no Colégio Estadual Tiradentes (2010), que será citado apenas como Tiradentes, e no Colégio Tia Ana Maria (2017), citado como CTAM. As turmas observadas no colégio público foram do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, sendo que o 3º ano era no período noturno, visto que há baixa procura no período matutino e nenhuma no vespertino. O Tiradentes localiza-se em um bairro periférico e, segundo o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), atende a um público que sobrevive, em média, com a renda de um salário-mínimo, ou seja, tem muita

dificuldade quanto à permanência estudantil. A taxa de evasão é muito alta por motivos diversos, principalmente porque os alunos deixam o colégio para trabalhar. O CTAM localiza-se no centro, zona urbana, e é um dos três colégios da rede privada na cidade a atender aos alunos do Ensino Médio.

Atentando, primeiramente, ao Tiradentes, a estrutura das salas é um tanto precária, pois o quadro, as carteiras, e cortinas, não estão bem conservados e também não há nenhum instrumento de apoio didático nas salas observadas, somente o quadro-negro. Das turmas observadas, o 1º ano contava com 16 alunos e o 2º ano com 12, porém, apesar do número reduzido, as salas são muito agitadas. Eles têm em média de 15 a 20 anos. Havia pouca participação por parte dos alunos das duas turmas, pois conversavam muito e se distraíam facilmente, o que dificultava o trabalho das professoras. Entretanto, apesar de dificultar o trabalho delas, o contexto oportunizou, à estagiária, que o contato com eles fosse maior, que ouvisse os assuntos comentados em sala de aula e usasse desses fatores no momento de preparação das regências.

Durante as primeiras observações no Tiradentes, os alunos se sentiam receosos quanto à presença de uma estagiária em sala de aula. Porém, ao longo do ano e da frequência semanal nas aulas, passaram a respeitar de forma bastante singela, a perceber que a presença era positiva e que poderia ajudá-los em muitos momentos. Assim como foi com os alunos, aconteceu com as professoras, pois foi com a frequência semanal, em sala de aula, que elas passaram a conceder mais liberdade, pedir ajuda, e fazer com que participasse das aulas, tanto que a escolha dos temas da regência não foi pela professora, ficou a critério da estagiária, diferentemente do estágio no Fundamental II.

Como comentado anteriormente, pode-se utilizar-se das conversas dos alunos, discursos, opiniões a fim de pensar em temas para as regências aplicadas. Em diversos momentos, os alunos apresentaram preconceitos graves nas piadas, nos exemplos e discursos como, por exemplo, "*coloca ela na frente da janela pra servir como blackout!*" [sic.]; "*coloca o cabelo dela como antena!*" [sic.]; "*que cheiro de pneu queimado!*" [sic.], sendo que mesmo em tom de brincadeira, pode-se observar como entristecia os alunos atingidos. O preconceito observado vinha dos próprios alunos, que não se reconheciam como negros, nunca pensaram em sua identidade e história, por isso aceitavam os

comentários e, também, os faziam de si próprios e dos outros. De dezesseis alunos do 1º ano, sete eram afrodescendentes⁸ e de doze do 2º ano, nove.

A partir dessas constatações e com a percepção de que o conteúdo de História da África não seria trabalhado em sala de aula, a professora concedeu que o tema fosse referente à História da África na regência do primeiro semestre. Portanto, todo o conteúdo e material utilizados para a regência almejou levar os alunos a conhecerem uma história que muitas vezes, e infelizmente, não chega a eles através da escola. O tema da regência aplicada foi “África: da história esquecida ao impacto na atualidade”, sendo ministrada nas duas salas de forma semelhante, apesar das reações e participações dos alunos terem sido diferentes. Neste trabalho, o foco será na aula aplicada no 1º ano, porém ministrada no 1º e 2º anos.

Ainda que o recorte temporal fosse muito extenso, não sendo possível aprofundar cada tempo histórico, o objetivo principal foi mostrar a importância da História da África e como ela conflui com a História do Brasil, impactando a sociedade atual. Todas as discussões foram baseadas nas autoras Marina de Mello e Souza (2012) e Lilia Moritz Schwarcz (1993). Foi usado o *datashow* para a exibição e explicação dos slides, neles continham imagens, recortes de jornais, pinturas e *print screens* de páginas da internet. Na aula anterior foram realizadas três perguntas de conhecimento prévio aos alunos, sendo estas: 1 - Você acha que a África é um país? 2- Quando você ouve falar em África, o que você pensa automaticamente? 3 - Você sabe o que foi a escravidão? Acha que só teve no Brasil?

Na primeira questão, de dez alunos, nove responderam “Sim”, afirmando que a África é um país. Na segunda questão, na maioria das respostas encontrou-se as palavras “fome” e “pobreza”. Na terceira questão, os alunos responderam que sabiam o que era a escravidão e achavam não haver ocorrido somente no Brasil, poucos deram detalhes sobre as formas de escravidão, os impactos, entre outras explicações.

Dentre os objetivos específicos estavam: situar geograficamente a África, bem como suas divisões de território; contextualizar a História da África,

⁸ A identificação étnica foi realizada pela própria estagiária, não houve auto-identificação formal dos alunos, a não ser no decorrer das aulas nas declarações.

mostrando sua organização e sociedade nos determinados períodos; analisar o impacto da escravidão para os negros e sociedade brasileira; problematizar as teorias raciais que justificaram preconceitos e mostrar como se aplicaram; discutir conceitos que envolvem a temática. A aula foi iniciada com uma reflexão presente no livro didático dos próprios alunos, de Munanga (2010) "O homem nasce livre até que alguém o escravize [...]. O correto é "escravizado" e não "escravo"", buscando então que eles pensassem acerca da condição de escravo. Os conceitos envolvidos foram: Cultura; Escravidão; Etnia; Etnocentrismo; Identidade; Negro; Raça.

Os alunos permaneceram atentos durante toda a explicação, fizeram diversos apontamentos, contaram experiências e um deles chegou a dizer "*nossa professora, isso é um tema que mexe comigo!*" [sic.]. No final dos slides continham páginas da internet, principalmente das redes sociais, em que mulheres negras resistem e levam a identidade a outras jovens, chamando a atenção dos alunos por ser algo que podem ter contato todos os dias. Ao final da regência, foi entregue, aos alunos, uma folha com a letra da música "Boa Esperança", do Emicida (2013)⁹, conhecida pelos alunos, mas nunca analisada de forma conjunta em uma aula. Foi solicitado que grifassem os trechos que mais chamaram a atenção e que depois comentassem os motivos, bem como a relação desses trechos com as explicações. Foi satisfatório perceber a relação que os alunos fizeram com a aula, principalmente nos trechos: "*favela ainda é senzala jáo/bomba relógio prestes a estourar*"; "*médico salva? Não, por quê? Cor de ladrão*".

Ainda que em duas horas de aulas de História não se possa mudar a concepção dos alunos sobre identidade, etnia e problemas da sociedade, espera-se que tenha sido proveitoso para eles e que os tenha feito refletir sobre si. Infelizmente, o tempo não permitiu realizar as questões de conhecimento prévio, posteriormente à aula, para perceber o que mudou nas respostas dos alunos. Mas, oralmente, durante a exposição da aula, os alunos notaram algumas respostas àquelas perguntas contidas na própria regência, como na relacionada à localização, em que ficaram surpresos por verem que a África não é um país e

⁹ Emicida é nome artístico usado pelo rapper, cantor e compositor brasileiro Leandro Roque de Oliveira.

sim um continente. Além disso, percebeu-se a dificuldade de falarem sobre outras formas de escravidão, a única que realmente se lembravam é da escravidão afro-brasileira, e perguntaram alguns detalhes relacionados principalmente às torturas, se havia sido igual em outros modelos que foram apresentados, como na escravidão na Grécia e Roma Antiga, e dentro da própria África. No decorrer do ano, eles passaram a tomar mais cuidado com as brincadeiras e se sentiam envergonhados ao fazerem piadas em tom ofensivo. E mesmo muitos insultos permanecendo, já não os fizeram sem perceber que estavam errando e atingindo os colegas. Essas observações foram feitas somente durante as aulas de História, por isso não se pode afirmar, com certeza, se mudou algo no comportamento dos alunos no seu dia-a-dia e além dos muros da escola.

No segundo semestre, o tema da regência foi “História e Memória”¹⁰, sendo que as fontes utilizadas foram as fotos de família dos próprios alunos. Durante as observações em 2015 e 2016, constatou-se que os alunos não se veem como parte da História e sentem-se alheios a mesma, imaginando-a como factual e pertencente aos políticos, heróis e “pessoas importantes”. Além disso, os alunos não conseguiam relacionar a História presente nos livros didáticos ou nas narrativas dos professores com a vida cotidiana, visto isso a partir de falas como “*ah, eu não vou usar isso pra nada mesmo*” [sic] ou “*que que eu quero estudar coisa da época do meu vô*” [sic]. Por isso, sentiu-se a necessidade de inclui-los na História e fazê-los perceber como ela está em tudo o que vivem.

A regência foi realizada no 2º ano, pois a quantidade de alunos era menor, então o trabalho seria realizado com maior precisão. Como fonte, utilizou-se das fotos de família e da infância dos próprios alunos, o que se mostrou como o primeiro embate, já que somente três alunas levaram as imagens. Com isso, utilizamos de outras fontes para acrescentar à aula, como a música “Chico

¹⁰ Essa regência resultou no trabalho “História e Memória: os uso de fotos de família no Ensino de História” em formato de resumo expandido publicado nos anais do II Seminário de Estágio em História da UENP, realizado nos dias 28, 29, 30, 01 e 02 de novembro de 2016, no Campus de Jacarezinho – Centro de Ciências Humanas e da Educação.

Mineiro”¹¹, interpretada pela dupla Tonico e Tinoco, do ano de 1946, além de imagens diversas para referenciar as memórias dos anos 1990/2000.

Dentre os objetivos específicos da aula, estavam: conceituar História e Memória e a relação entre estes conceitos; demonstrar as definições de Memória e como esta se aplica à vida prática dos alunos; buscar a participação dos alunos, através de relatos e experiências cotidianas; analisar as fotos de família e infância levadas por eles, fazendo relação com a História como disciplina; caracterizar memórias pessoais e memória coletiva. Os conceitos trabalhados durante a aula foram: História, Memória, Juventude, Família, Fonte Histórica.

Em todo o tempo de aula, buscou-se deixar nítido, aos alunos, as diversas bases historiográficas que levaram à elaboração da temática. Já na conceituação de História, utilizou-se uma definição presente no livro didático dos próprios alunos e que foi apropriada na elaboração da regência, esclarecendo ser uma visão do autor e que são múltiplas as definições. A definição foi a seguinte:

Amo a história, se não amasse não seria historiador... Para conhecerem a história virem resolutamente as costas para o passado e antes de mais nada vivam. Envolvam-se na vida... Não fechem os olhos ao grande movimento da vida. Não se contentem em presenciar de fora o que acontece no mar em fúria... Arregacem as mangas e vivam intensamente, questionem, duvidem, lutem (FEBVRE, 1985 apud. MORENO; LOPES, 2013, p.11).

Com isso, introduziram-se os conceitos e definições aos alunos, mas também foi mostrada a importância dos álbuns de família como fonte histórica e objeto de estudo para se entender a História e a memória. Bittencourt (2009, p.366) afirma que “os álbuns de família são um exemplo de como esse suporte material da imagem serve de registro da memória. Rever fotos significa lembrar, rememorar ou mesmo “ver” um passado desconhecido.”, portanto buscou-se levar lembranças, memórias e sensações causadas através da análise das fotos.

As fotos foram digitalizadas para que os alunos pudessem ver de forma clara e para que não comprometesse as originais. Serão tratadas como Figuras 1 a 5, referentes às alunas 1, 2 e 3.

¹¹ A composição é atribuída a Tonico e Francisco Ribeiro, é de 1946, porém foi incorporada ao álbum do LP “Suas modas sertanejas”, de 1958.

Figura 1- Foto de aluna 1 em 1999.



Fonte: Arquivos pessoais da aluna 1¹²

Figura 2- Foto de aluna 2 em 2000.



Fonte: arquivos pessoais da aluna 2.

¹² A reprodução das imagens foi autorizada pelos alunos e assinada pela diretora do colégio e pelas alunas, que foram autorizadas pelos responsáveis.

Figura 3- Foto da aluna 3 em 1999.



Fonte: arquivos pessoais da aluna 3.

Figura 4- Foto de família da aluna 2 (ano não identificado)



Fonte: arquivos pessoais de família da aluna 2.

Figura 5- foto de família da aluna 2 (ano não identificado).



Fonte: arquivos pessoais de família da aluna 2.

Apesar das poucas fotos que os alunos levaram, junto às outras fontes, conseguiu-se um resultado satisfatório. Deixou-se livre para os alunos interpretarem as imagens, mas em alguns momentos foi necessária a intervenção, e explicação, de alguns elementos, como os objetos presentes nas fotos, as características físicas das pessoas, a estrutura da casa, dos móveis, da decoração e a qualidade das fotos. Esses elementos foram os que mais chamaram a atenção dos alunos e usados para lembrá-los que todos eles são reflexos de uma época, das tendências, moda, costumes e cultura presentes em determinado tempo. Principalmente na Figura 4, os alunos se manifestaram mais e sentiram maior diferença em relação ao tempo presente.

Aliados a essas fontes, foram levados, aos alunos, outros elementos, alguns conhecidos deles e outros, de outras épocas, dos quais a professora se lembrava e também revivia em suas memórias, como novelas, músicas, propagandas. Considerando as noções de memória e tempo em Bosi (1994), foi refletido com os alunos acerca de qual é o nosso tempo, colocando uma questão principal de: “qual é o meu tempo se ainda estou vivo e não tomei emprestada minha época a ninguém, pois ela me pertence tanto quanto aos outros” (BOSI, 1994, p.421). A professora disse que essa era uma prática muito comum entre as pessoas da sua faixa etária, já que o saudosismo, quanto aos tempos de juventude, era frequente. A partir da afirmação dela também foi comentado

sobre as primeiras memórias, tempos de infância e juventude, e como isso é carregado ao longo da vida.

Durante a aula, pode-se perceber como a falta de conhecimento dos conceitos dificulta o processo de aprendizagem histórico, principalmente os conceitos de segunda ordem (BARCA, 2006), que envolvem a noção de tempo, transitoriedade, simultaneidade, causalidade, mudança, entre outros. Foram citados alguns momentos da história nos quais a memória foi fator determinante para se entender e analisar os períodos, como a história de Anne Frank na Segunda Guerra Mundial, e as memórias sobre a ditadura militar. Os alunos disseram que não sabiam acerca desses temas, e relataram, por exemplo, que achavam que a ditadura militar não era um fato histórico que aconteceu no Brasil. Ou seja, não entendendo que esse fato ocorreu no Brasil, dificilmente eles poderiam entender as mudanças ocorridas durante o período, as características culturais e sociais do país à época, as causas que levaram a esse regime, qual foi o papel da memória para entender o período e seus reflexos na História hoje. Na análise das fotografias, eles perceberam os elementos colocando-os como “velhos e diferentes”, mas o que seria o “velho”, e diferente de onde e do quê? Talvez a falta da aptidão desses conceitos dificulte em todo o seu aprendizado, não só nas aulas de História, como em outras disciplinas que envolvem o conhecimento crítico da sociedade e o papel dos indivíduos nela.—Entretanto, como é ressaltado durante todo o processo, faz parte de um esforço contínuo de trabalho com os alunos para que eles venham a perceber os embates e conjunturas políticas, sociais e culturais pelos quais a História do próprio país viveu e vive até os dias atuais.

Entretanto, percebeu-se que os alunos passaram a ter uma visão diferente do que pensavam ser a História enquanto disciplina, não que isso indique que entenderam de fato a História e todos os embates presentes, mas puderam ver como o encontro entre passado, presente, e futuro acontece em todo tempo ao longo da História e como todo ser humano faz parte desses processos. Pode-se constatar isso quando foi trabalhada na aula, com os alunos, a questão de que trata Ecléa Bosi (1994), já citada anteriormente, sobre “qual é o meu tempo?”. Nesse ponto a professora também interveio, dizendo que é muito comum na idade dela falarem “no meu tempo, na minha época”, e essa frase estava

presente nos slides trabalhados, por isso foi explorada dentro da História, pensando nos sujeitos que dela fazem parte. Nesse momento, ressaltou-se a importância de toda a sociedade para a construção da História, de que os avós, pais e eles próprios fazem parte desse processo constantemente. Para fazê-los se enxergarem como participantes foram mostrados, por exemplo, brinquedos, novelas que tiveram grande audiência, e algumas bandas que estavam fazendo sucesso no período de infância e pré-adolescência dos alunos, pensando em como tudo aquilo retratou um período, e que pode caracterizar uma época e a História de suas vidas, a qual envolve diferentes contextos e problematizações.

Assim como nas outras regências, não se conseguiu alcançar todos os objetivos, visto que, em uma ou duas horas de aula, não é possível mudar toda uma cultura escolar, e histórica presente nos alunos, porém, os avanços vistos, e presenciados, já foram satisfatórios para o crescimento pessoal enquanto estagiária e para os alunos, enquanto participantes da História. A experiência de trabalhar a memória com as fotos de família foi muito produtiva sendo que, posteriormente à aula, houve uma análise de melhores formas de se trabalhar em sala de aula e que acrescente a experiência com a memória em futuras intervenções. Não se deve renegar o fato de que a História produz muito no sentido emocional das pessoas e, assim, como Carretero (2010, p.32) observa: "A história, legada de geração a geração, não deve ser ignorada. Existe "algo" que conduz a conservar seus restos na memória coletiva, mesmo que mais profundamente que os da própria vida pessoal". É perceptível como a reflexão sobre a teoria e a prática, e o recordar as próprias lembranças, auxiliam na formação docente e no andamento das aulas na disciplina de História.

Em outra perspectiva, as regências intencionadas para o CTAM foram pensadas em diferente óptica, visto que as necessidades e desejos das salas eram completamente distintos. A turma do 3º ano de 2016 tinha em média 25 alunos, sendo que em todas as aulas, o único momento em que muitos faltaram foi no dia posterior ao ENEM. A sala, estruturalmente, tinha formato de plateia, possuía boas carteiras, ar-condicionado e quadro digital, portanto, oportunizando, aos alunos, um bom ambiente para os estudos. As características dos alunos eram variadas, desde os que olhavam, atentamente, para o professor e quadro, fazendo anotações, até aos que eram ociosos, e conversavam, durante

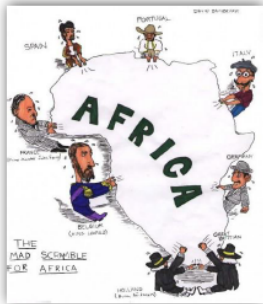
as aulas. Segundo a rede de ensino a qual o colégio pertence, o 3º ano é a revisão de tudo o que foi aplicado no 1º e 2º anos do EM, portanto o “Terceirão” é em formato de cursinho pré-vestibular, o que torna as aulas mais corridas e muito conteudistas.

Durante as observações, pode-se ter acesso às apostilas e perceber que o conteúdo de História da África é reduzido, e não há nenhum sobre História do Paraná, pois o sistema de ensino que o colégio trabalha é formulado no estado de São Paulo. Sendo assim, ainda no primeiro semestre já haviam sido pensadas as duas regências que poderiam ser aplicadas, porém, como as aulas são muito fechadas e já planejadas durante o ano, teve-se a dificuldade em adaptar-se ao horário do colégio. Contando com esse fato, a regência foi programada para o segundo semestre e, assim como no Tiradentes, foi aplicada sobre História da África no CTAM, com abordagens diferentes. Visto que os alunos vêm como a maior preocupação o vestibular, a aula foi pensada baseada também em questões de processos seletivos das universidades públicas do Paraná. Para acompanhar a aula pensou-se em um roteiro de estudos, para que os muitos conteúdos abordados não se perdessem, posteriormente a aula. Segue anexo:

Figura 6- Roteiro de estudos montado pela autora do texto.

África: da história esquecida aos impactos na atualidade

“O mundo todo tem uma dívida infinita com a África”

Organização das sociedades	Principais Reinos	Movimentos de Independência e Descolonização	Apartheid
<ul style="list-style-type: none"> • Escravidão (por guerras, por dívida, por sobrevivência; alianças de povos adversários com os europeus; começou a ser lucrativo com o comércio atlântico, mão-de-obra forte). • Relações familiares (casamento por alianças, interesses políticos e dotes; poligamia e muitos filhos como sinal de mais poder; respeito máximo aos anciãos). • Relação com o sagrado (explicação dos fenômenos naturais, decisões políticas e familiares). • Clima (favorável à proliferação das doenças; difícil cultivo dos alimentos, ocasionando mortes por fome). • Identificação de etnias (escarificações, marcas diferenciadas). 	<ul style="list-style-type: none"> • Reino de Mali • Reino de Gana • Reino Songai • Reino do Congo • Reino de Benin • Reino Iorubá <p>Trajetória da Rainha Njinga, Nzinga, Ginga, Ana de Souza – Reino do Congo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Hábil guerreira, estrategista política e militar, Nzinga foi uma líder carismática, uma rainha que passou a vida combatendo e morreu com 80 anos sem nunca ter sido capturada. • Alianças com os portugueses a fim de manter o seu Reino (conversão simbólica ao catolicismo). 	<ul style="list-style-type: none"> • A 2ª Guerra Mundial enfraqueceu a Europa e fortaleceu esses movimentos; • Falta de estruturação dos colonizadores; • Exploração em excesso, sem nenhum benefício para os povos africanos; • Aumento da pobreza e de conflitos étnicos; • Movimentos de libertação. • Pan-africanismo: defendia a união dos povos africanos como forma de fortalecer o continente no contexto internacional. 	<ul style="list-style-type: none"> • Segregação racial (privilégios da minoria branca em detrimento da maioria negra) • Legalizada em 1948 pelo NNP (Novo Partido Nacional) • O CNA (Congresso Nacional Africano) fazia oposição, tendo como líder Nelson Mandela, que foi preso em 1967 após protestos contra o apartheid. • Em 1990, o presidente Frederick de Klerk concedeu legalidade ao CNA, em 1992 foi decretado o fim do apartheid. • Klerk e Mandela ganharam o Prêmio Nobel da Paz em 1993 • Em 1994, Mandela venceu as eleições e se tornou presidente da África do Sul.
<ul style="list-style-type: none"> • Os europeus ocupavam apenas o litoral atlântico, a primeira ocupação depois disso foi entre 1830 a 1857, quando os franceses “conquistaram” a Argélia. • Conferência de Berlim, 1885 - Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha. • Muitas guerras entre nativos e europeus. 	<p style="text-align: center;">Imperialismos →</p>		<p style="text-align: center;">“A educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo.” -Nelson Mandela</p>
<p>Ruhama Sabião (Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP) Regência no Colégio Tia Ana Maria (17/10/2016)</p>			

Fonte: arquivos pessoais (2016) ¹³

Os alunos ainda não haviam estudado sobre o conteúdo, por isso ficaram muito impressionados em perceber as semelhanças com outras nações e as particularidades também, além do impacto sobre a História do Brasil e a sociedade atual. Foram trabalhados os conceitos de Cultura, Escravidão, Etnia, Etnocentrismo, Identidade, Negro e Raça, enfatizando-os, a todo tempo, como são essenciais para entender os processos existentes na História da África. Não houve tempo para avaliação escrita dos alunos, somente pode-se avaliar a regência através da oralidade e de sua participação na aula. Trabalhou-se, ao final, firmemente a questão da identidade, já que na sala havia apenas um aluno afrodescendente¹⁴. Este fato pode ser usado para complementar a aula e fazê-los entender melhor os impactos na sociedade e no cotidiano dos próprios alunos.

Já na segunda regência, aplicada também no segundo semestre, os alunos foram no período contra turno, não havendo a obrigatoriedade de presença na aula. Contudo, mais da metade dos alunos esteve presente realmente interessados no conteúdo, já que não haviam estudado nada sobre o tema, sendo tudo novidade e necessário para o processo seletivo nos vestibulares.

Foi interessante perceber, durante a intervenção, como a sociedade em geral - refletida neste momento nos alunos - conhece tão pouco acerca da História regional, tanto da própria cidade como do Estado. As cidades e os processos econômicos que envolveram a História do Paraná eram conhecidos pelos alunos, porém de forma distorcida e sem ser associada às épocas relativas. Principalmente, quando se trata das cidades turísticas ou centros comerciais, os alunos as conhecem, porém não entendem os processos que levaram à sua construção. Sentiu-se a necessidade de trabalhar, melhor, a política no Paraná, para se entender os jogos de poder, as famílias envolvidas e os projetos políticos no estado, já que "no Paraná, abundam exemplos da conciliação como estratégia política dos dominantes" (OLIVEIRA, 2007, p.155). Entretanto, não houve tempo de se trabalhar o Paraná atualmente, somente nas associações entre passado e presente, realizadas ao longo da aula.

¹³ A charge presente no roteiro foi criada por David Brainbridge e é intitulada "The Mad Scramble for Africa"

¹⁴ Identificado pela estagiária, sem autoafirmação oficial do aluno.

A escolha em realizar o estágio supervisionado nas redes pública e privada, no ano de 2016, foi justamente com o intuito de análise e comparação, objetivando-se maior experiência na formação docente, já que, normalmente, os estágios são realizados somente na rede pública, a qual, realmente, permite maior liberdade de intervenção, e de reflexão, acerca da realidade da Educação Básica. Entretanto, as instituições privadas fazem parte do mercado de trabalho que estará como possibilidade para o egresso do curso, e é preciso debater sobre os diferentes objetivos, desafios e perspectivas que essas instituições têm. A frequência semanal nas duas instituições permitiu observações mais consistentes e maior esforço na elaboração das regências, pensando em realidades distintas e, também, nas semelhanças entre as duas.

Conclusão: resultados, convergências e dissonâncias

No decurso de 2015 e 2016, anos nos quais foi realizado o Estágio Supervisionado no curso de História, a experiência foi muito marcante com a escola, os alunos, os professores do curso e dos colégios, além de promover a maturação esperada entre o início e o final do estágio. Enfatizou-se, nesse relato, a importância de todo o processo de observação, descrição, análise, registro e planejamento, visto que durante todo o ano foram realizados rotineiramente, e contribuíram, intrinsecamente, para repensar a profissão docente e o impacto do estágio na formação, redimensionando todas as observações para as ações realizadas, em sala de aula, e em apresentações de seminário posteriores. Nesse tempo, assim como dito anteriormente, foram observadas as turmas de 6º, 7º e 8º ano EFII e 1º, 2º e 3º EM, em três instituições diferentes, duas públicas e uma privada.

Primeiramente, em todas as turmas foi percebida a dificuldade com a apreensão dos conceitos em História, como Monarquia, Etnia, Cultura, Independência e Identidade. E, assim também, os conceitos de segunda ordem, como simultaneidade, tempo, espaço e transitoriedade, já discutidos ao longo do texto. Com isso, era difícil para os alunos associarem com outros períodos da História, mesmo por eles estudados, de antemão. Outra dificuldade era em

relacionar os conteúdos com a vida presente, o que foi sendo trabalhado nas aulas, nas conversas e nas oportunidades de intervenção e auxílio aos alunos.

Em segundo, podem-se notar as maiores diferenças quanto à estrutura dos colégios, sendo que o Santa Terezinha mesmo sendo da rede pública, possui a APMF (Associação de Pais, Mestres e Funcionários) e outras promoções que auxiliam na manutenção do colégio e na permanência da boa estrutura. Já o Colégio Tia Ana Maria não pode ser comparado de maneira igualitária, visto que é da rede privada e o financiamento da instituição não vem de órgãos públicos, porém, não se pode deixar de ressaltar a ótima estrutura que proporciona aos alunos, fazendo com que o ambiente de estudos seja agradável e permeado por recursos que oportunizam um melhor aproveitamento das aulas, por parte do professor. Já no Colégio Tiradentes, a estrutura precária certamente influencia¹⁵ as aulas, a falta de cortinas impossibilita uma boa aula com uso do *data show*, os problemas com os ventiladores influenciam no clima e no bem-estar e até o tamanho das salas, que é desproporcional ao número de alunos.

A perspectiva de aprendizagem e desafios colocados aos alunos também eram divergentes. No Ensino Fundamental, ainda se pode observar o uso de atividades como: cruzadinhas, complete, assinalem, e poucas questões dissertativas ou desafiadoras aos alunos, sendo difícil a avaliação do que realmente aprenderam, já que as respostas sempre eram encontradas no livro didático. No Ensino Médio, comparando as perspectivas dos dois colégios, há uma grande divergência. Na rede pública, poucos alunos tinham a ciência de que poderiam cursar uma universidade pública, de que a educação é um caminho para a independência intelectual e que oportuniza caminhos diversos para cada aluno. Na rede privada, os alunos sofriam com grande pressão, dos pais, professores, direção e colegas, tanto na escolha do curso, como na possível aprovação no vestibular. Os alunos da rede privada, por entenderem que a educação seria o caminho para chegarem a uma aprovação nos processos seletivos das universidades, estavam mais atentos às aulas e interessados, porém, a vivência oposta dos alunos da escola pública, os impossibilitava de

¹⁵ Essas condições não influenciam diretamente nas atitudes e práticas de todos os professores em sala de aula, foi colocado aqui como características especificamente dos colégios e turmas observados nesse momento do estágio, que podem, ou não, refletir a realidade de outras instituições de ensino.

incorporarem as aulas para a vida prática, pois a importância maior se dava ao conteúdo que cairia no vestibular.

Por fim, alunos são alunos em todos os lugares, ainda que amadureçam, vivam situações diferenciadas, algumas características sempre serão inerentes à sua posição. Mesmo sendo dissemelhantes, eles tinham comportamentos parecidos, próprios da idade em que se encontram, seja pelas descobertas, pelos desafios ou pela pressão de “ser alguém na vida”. Portanto, foi essencial utilizar-se das características da faixa etária, da vivência dos alunos, do mundo ao redor, para que ao pensar as regências, a História pudesse ser associada às suas vidas, entendendo que o conteúdo não deve estar carregado de datas, fatos e trabalhos decorativos, mas, sim, de aquisição de experiência, ampliação da visão de mundo e motivação, para que vejam sentido nas aulas de História e em estarem no ambiente escolar.

Referências

BARCA, I. Literacia e Consciência Histórica. *Educar em Revista*, Curitiba, n. Especial, p. 93-112, 2006.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 1.

BOSI, E. Memória e Interação. In: _____. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 405-432.

CAIMI, F. Contextos discursivos sobre formação de professores e ensino de história. In: _____. *Aprendendo a ser professor de história*. Passo Fundo: UPF, 2008. p.81-100.

CARRETERO, M. Três Sentidos da História. In: _____. *Documentos de Identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 31-67.

COLÉGIO ESTADUAL TIRADENTES. *Projeto Político Pedagógico*. 2010. Disponível em: <<http://www.snptiradentes.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/17/2430/84/arquivos/File/ColegioEstadualTiradentes.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

COLÉGIO TIA ANA MARIA. *Projeto Político Pedagógico*. Informações coletadas no site institucional. Disponível em: <<http://www.ctamsap.com.br/>> Acesso em: 15 mar. 2017.

EMICIDA, J. Guetto. *Boa Esperança* (Videoclipe Oficial). O Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui. SP: Laboratório Fantasma, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>>. Acesso em: 15 mar. 17.

MORENO, J.; LOPES, S. *História: Cultura e Sociedade: memória das origens*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Trecho de entrevista publicada online. *Nova legislação e política de cotas desencadariam ascensão econômica e inclusão dos negros, diz professor*. 2010. Disponível em: <<https://www.pambazuka.org/node/61120>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

OLIVEIRA, R. Famílias, poder e riqueza: redes políticas no Paraná em 2007. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n.18, p. 150-169, jun./dez. 2007.

SCHMIDT, M. Construindo conceitos no ensino de História: a captura lógica da realidade social. *História e Ensino*, Londrina, v. 5, p. 147-163, out. 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *D. João Carioca - A corte portuguesa chega ao Brasil 1808-1821*. Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de diferenças e desigualdades: As doutrinas raciais do século XIX. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

SOUZA, Marina de Mello E. *África e Brasil Africano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2012.

*Recebido em 18 de outubro de 2017
Aprovado em 16 de janeiro de 2018*